



IMAGENS, LIVROS DIDÁTICOS E A GEOGRAFIA ESCOLAR: ALGUNS APONTAMENTOS CRÍTICOS

Pedro Bernardes Pinheiro
pedrobernardes.geo@gmail.com¹

Resumo

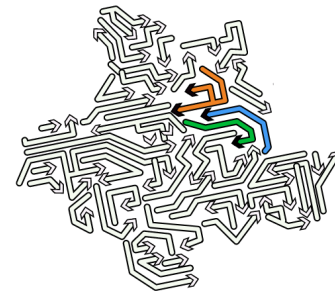
Este trabalho tem como objetivo discutir o lugar das imagens nas pesquisas e nos debates sobre os livros didáticos de Geografia. São apresentados resultados parciais de nossas investigações examinando as especificidades dessas relações entre imagens e livros de Geografia, através da bibliografia especializada no assunto produzida por autores e pesquisadores nacionais. O levantamento bibliográfico realizado tem como base artigos publicados em periódicos sobre o ensino de Geografia, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Foram identificados três conjuntos de argumentos centrais nessas pesquisas. Muitos pesquisadores reconhecem do livro didático como um artefato cultural central na educação e um dispositivo central na trajetória da Geografia como uma disciplina escolar, identificando a crescente importância das imagens em virtude de mudanças tecnológicas e editoriais nessas obras. Em um sentido oposto, alguns autores também mobilizam argumentos questionando as imagens utilizadas pelos livros didáticos, problematizando o modo como elas veiculam ou favorecem ideias reducionistas e estereotipadas sobre territórios e grupos sociais. Por fim, destacamos as investigações que apontam o potencial dessas imagens no trabalho pedagógico docente, propondo experimentações a partir destas, explorando-as enquanto formas de linguagem e buscando sentidos outros para o currículo de Geografia.

Palavras Chaves: Livro Didático, Imagem, Pesquisas Acadêmicas.

Introdução

Livros didáticos têm uma importância ímpar para a cultura escolar (SENE, 2014) e para as disciplinas escolares conferindo-lhes identidade própria e difundindo as orientações curriculares (ALBUQUERQUE, 2011). A difusão de livros didáticos no contexto da educação brasileira é recente e ocorreu a partir da consolidação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sobretudo, nas décadas de 1990 e 2000, o que justifica o interesse sobre o livro didático como objeto de reflexão acadêmica e educacional. A análise de coleções ou exemplares de livros didáticos têm sido um dos caminhos mais recorrentes nos trabalhos

¹ Mestrando no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional



sobre imagens e o ensino de Geografia na Educação Básica (TONINI, 2013). O estudo de fotografias, mapas e outros tipos de imagens inscritos nos livros didáticos de Geografia pautado em metodologias visuais e qualitativas parece uma direção interessante para a compreensão da relação entre imagens presentes nesses materiais pedagógicos, as práticas docentes e o currículo escolar.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o papel das imagens na Geografia Escolar a partir da perspectiva da formação e do desenvolvimento profissional docente. Assim apresentamos resultados parciais de nossas investigações examinando as relações entre imagens e os livros didáticos de Geografia, através da bibliografia especializada no assunto produzida por autores e pesquisadores nacionais. Buscamos responder a seguinte questão: qual é o lugar que as imagens ocupam nos debates sobre o livro didático de Geografia?

Para responder a esse questionamento selecionamos e apresentamos alguns dos argumentos mais frequentes presentes em trabalhos acadêmicos como artigos de periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado². Os trabalhos citados a seguir não apresentam uma síntese dessa produção acadêmica tal qual um estado de arte, mas exemplos de estudos cujas temáticas e discussões nos auxiliam a compreender essas relações. Em que pese suas especificidades, esses argumentos podem ser sintetizados em três conjuntos principais, que não são necessariamente excludentes. Primeiramente, alguns desses argumentos reconhecem as imagens do livro didático como um artefato cultural central na educação e um dispositivo central na trajetória da Geografia como uma disciplina Escolar. Essa perspectiva também considera o impacto das mudanças técnicas e editoriais nas transformações imagéticas dos livros didáticos e que atualmente as coleções didáticas apresentam uma qualidade muito superior do que em décadas passadas possibilitando novos direcionamentos para o trabalho pedagógico do professor de Geografia.

Sob um ponto de vista distinto, observamos argumentos mais críticos direcionados aos livros didáticos, particularmente por parte de professores e pesquisadores que têm como

² Para o levantamento dos trabalhos acadêmicos, pesquisamos a produção acadêmica recente de teses e dissertações sobre o tema, consultando a Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses e o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES. No Catálogo de Dissertações e Teses efetivamos busca pelas palavras-chave “Geografia Escolar”, ou ainda, as expressões “Ensino de Geografia” e “Educação Geográfica”, combinadas com os termos que identificam recortes temáticos dos trabalhos como “imagens”, “representações imagéticas”, “recursos visuais” e “visualidades”, tanto no plural como no singular.

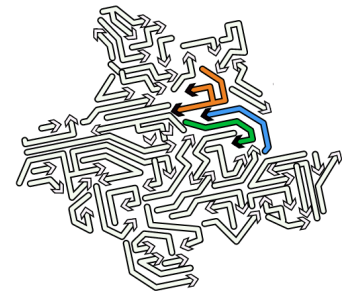
foco de suas análises a dimensão imagética. Tais críticas não rechaçam o livro didático enquanto um elemento central da cultura escolar e um material didático de suma relevância

nos processos de ensino e aprendizagem, mas concluem que as imagens dos livros didáticos podem contribuir para a construção de imagens-clichês (FIRMINO e MARTINS, 2017), estereótipos regionais (SILVA, 2018; TONINI, 2003), de povos indígenas (PRINTES, 2013), sexuais e de gênero (FRANÇA, 2022), e que, portanto, devem ser analisados criticamente. Essas mesmas críticas também são pontuadas em trabalhos que abordam problemas relativos as representações cartográficas nos livros didáticos como é o caso de Novaes (2012). Esses trabalhos vêm revelando resultados interessantes, através de métodos qualitativos e visuais baseados na análise de conteúdo, na semiologia e na análise do discurso.

Por último, destacamos os argumentos que defendem mais explicitamente a ideia de que as imagens dos livros didáticos podem ser exploradas ou experimentadas de formas distintas, sem que seus significados estejam restritos aos conteúdos curriculares e as formas mais tradicionais de abordagem desses conteúdos na Geografia (NOVAES, 2014; SOUZA, 2018). Tais argumentos sublinham a relevância das imagens como linguagem (PREVE e PREVE, 2020) e não exclusivamente como suporte a determinados conteúdos curriculares.

Imagem e a editoração dos Livros Didáticos

A relação entre as imagens e os livros didáticos de Geografia parece ser o objeto de pesquisa de algumas das pesquisas acadêmicas mais recentes sobre o tema no Brasil, como é o caso dos trabalhos de Renata Maria de Almeida (2013), Rosana Lacerda (2018) e Jaciara Moura (2022), cada uma delas com recortes específicos. Essas pesquisas reconhecem e registram a importância das imagens nos livros mais recentes de Geografia, assim como o potencial pedagógico, bem como realizam críticas e ponderações sobre seu uso. Para Renata Almeida (2013): “As imagens que o compõem [o livro], dado o avanço que as obras tiveram, consolidam uma nova dimensão de trabalho em sala de aula. [...] mesmo com tantos meios de trabalhar com imagens em sala de aula, as imagens do livro didático também cresceram em importância.” (ALMEIDA, 2013, p. 95). Já Rosana Lacerda (2018) destaca que durante muito



tempo as imagens tiveram um papel secundário nos livros didático, mas que “passaram a ser valorizadas e seu papel se configura como menos decorativo e mais ilustrativo, no sentido de apoiar e complementar o conteúdo textual” (2018, p. 89). No caso desses trabalhos, os livros didáticos se configuram como um objeto de análise e não apenas como um recorte empírico ou como fonte de informações.

Desde meados do século XX, os livros didáticos vêm apresentando profundas mudanças em seus formatos, refletindo tanto transformações tecnológicas, editoriais e pedagógicas, como apontaram Almeida (2013) e Lacerda (2018). Ao longo da segunda metade do século XX, se tornam cada vez mais comuns livros didáticos com imagens coloridas e uma diagramação cada vez mais elaborada e sedutora, em contraposição às coleções didáticas mais antigas. Nessa direção, as fotografias ganham mais espaço em comparação às ilustrações (MOURA, 2022; HOLLMAN, 2013), e aos mapas somam-se outros tipos de representações verticais do espaço como as imagens de satélite e as fotografias aéreas. A diversificação dos tipos de imagens existentes nos livros didáticos é paralela a mudanças mais amplas na composição e na diagramação desses. Tratando das mudanças observadas nos livros didáticos de Geografia no período, Leonardo Azambuja afirma que:

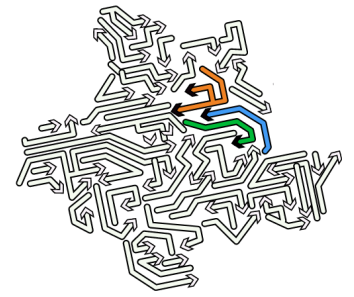
O mercado editorial didático apresenta um dinamismo que vai refletir a qualidade gráfica dos materiais e a diversidade de informações atualizadas a cada nova edição. Ainda, e talvez mais significativo, seja a formatação hipertextual dos manuais didáticos com a inclusão de textos complementares e explicativos, mapas, gráficos e imagens, indicações de fontes virtuais para pesquisas, proposições de atividades para os alunos e de orientações ou sugestões para os professores anexadas em suplementos específicos. (AZAMBUJA, 2014, p. 31)

Mais recentemente, já no século XXI, muitas coleções de livros didáticos são disponibilizadas em formato digital, o que possibilita o acesso a hiperlinks na internet. Essas mudanças ampliaram a relevância das imagens para os livros, bem como tornaram mais complexa a relação entre texto e imagem, através de recursos iconográficos cada vez mais sofisticados, no qual a comunicação visual ganha destaque (FREISLEBEN, 2018, p. 41). A proporcionalidade entre textos e imagens, inclusive, tem sido alvo de alguma polêmica, na medida em que a importância relativa das imagens em contraposição aos textos nas páginas dos livros, estaria contribuindo para “enfraquecer” os conteúdos curriculares.

A quantidade, a variedade e qualidade gráfica das imagens inscritas nos livros didáticos são entendidas como um aspecto positivo para muitos autores. Pedagogicamente, eles compreendem que a dimensão visual dos livros didáticos é muito importante para despertar o interesse e a motivação dos estudantes (TIMMERS e WEPPPO, 2017), inseridos em um contexto com uma ampla circulação de imagens assim como para sustentar o trabalho pedagógico do professor.

Ivaine Tonini (2013) reconhece que essas transformações editoriais e técnicas não se reduzem ao *design*, mas produzem novos sentidos e direcionamentos para a experiência educativa. Para a autora: “essa nova textualidade possibilita exigir dos estudantes outras maneiras de aprender, ao permitir itinerários diversos para leitura das imagens, ou seja, com ou sem articulação com o texto escrito” (TONINI, 2013, p. 180), destacando que sua relação para a cultura contemporânea, afirma ainda que: “isso representa um dos rasgos distintivos no modelo de ensinagem tradicional, pois dificilmente consegue-se chamar a atenção dos estudantes na monotonia da leitura tradicional” (idem, p. 181). Portanto, nessa perspectiva, a maior presença de imagens nas páginas dos livros didáticos, em contraposição aos textos escritos, não advoga de modo contrário a esses materiais, mas como um aspecto positivo.

Um outro argumento também é acionado em muitas pesquisas relaciona-se ao contexto de produção dos livros. Compreendendo estes como “mercadoria”, também devemos ter em mente que a seleção de fotografias, mapas e das demais imagens que os compõem estão sujeitas a critérios das editoras e das orientações governamentais, como aquelas descritas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Partindo dessa chave interpretativa, os questionamentos sobre as imagens dos livros didáticos não deve ser realizadas desconsiderando-se os contextos de produção dessas obras didáticas, mas compreendendo-se que as imagens não são selecionadas e elaboradas exclusivamente por seus autores, mas por um conjunto de atores que influenciam diretamente na sua escolha e utilização, seguindo critérios políticos, ideológicos e econômicos que não convergem necessariamente com as intenções originais dos autores. Em entrevista sobre o assunto, Eustáquio de Sene aponta aspectos interessantes nessa relação entre autor e editora, como o fato de buscar, enquanto autor de livros, privilegiar o “conteúdo” em contraposição ao aspecto “estético” das



fotografias escolhidas, buscado pelas editoras, dentre outros exemplos (OLIVEIRA JUNIOR E SOARES, 2013).

Imagem e estereótipo

Esses argumentos mais favoráveis e positivos sobre a relação entre livros e imagens podem ser tensionados a partir de críticas e ponderações. Ainda de acordo com Tonini (2013), as imagens utilizadas nos livros didáticos para representar mulheres, pessoas negras e indígenas ainda contribuiriam para reforçar o caráter de subalternidade e inferioridade de determinadas identidades sociais. “Essas identidades continuam a ser assim: fixas, subdesenvolvidas, domesticadas, dependentes, nativas, etc. O deslocamento para outros posicionamentos identitários, a irrupção de outros significados estão ainda distantes para deslocar os atuais.” (TONINI, 2013, p. 189), afirma a autora. Tais conclusões reverberam ideias presentes em sua tese de doutorado defendida em 2002, na qual examinava de que modo as imagens contribuíam para fixar determinadas identidades, associando-as determinados lugares e territórios (TONINI, 2003; 2002). Em um contexto em que as discussões sobre raça, etnia, gênero e geração ainda eram pouco comuns na Geografia, Tonini chamava a atenção para a hierarquias inscritas nos livros didáticos, contrapondo sobretudo as imagens que representavam essas identidades em países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”.

Posteriormente, muitos trabalhos têm como objeto de estudo as imagens nos livros didáticos, como meio de tensionar certas tradições e representações no currículo da Geografia Escolar. Uma dessas tradições no currículo de Geografia corresponde a valorização da pluralidade cultural (VILELA, 2013), que, entretanto, não se expressa necessariamente em representações imagéticas mais “plurais” e “diversas” de lugares, territórios, etnias, povos e culturas (PINHEIRO, 2016). Firmino e Martins, por exemplo, descrevem os diferentes exemplos de imagens-clichês que estão retratados nos livros didáticos, questionando em que medida essas imagens são capazes de limitar nossas ideias e nosso olhar:

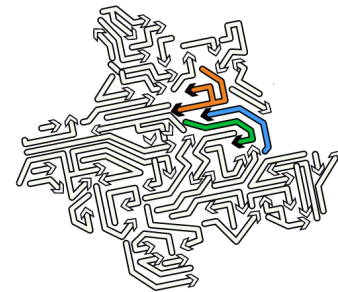
Nos deparamos por vezes com uma África muito pobre, árida e faminta. Uma Amazônia que se limita a ser vista através de fotografias áreas por suas robustas árvores verdes. Mulheres invisibilizadas quantitativamente pela sua não presença nas páginas e imagens destes Livros Didáticos de Geografia, majoritariamente masculinos e branqueados. Grupos étnicos retratados por



meio de imagens festivamente folclóricas. Um rio São Francisco que se restringe a ser palco de muitos problemas ambientais. Espaços urbanos verdes e cosmopolitas em suas dimensões fotográficas. Imagens, ideias-clichês que servem como a ‘prova real’ de um determinado discurso sobre a Geografia dos lugares e das pessoas. Repetições e representações do mesmo. (FIRMINO e MARTINS, 2017, p. 107)

As denúncias pontuadas por Firmino e Martins constituem por si só problemáticas de uma série de pesquisas. Alguns desses trabalhos apresentam contribuições à reflexão crítica sobre estereótipos étnicos e regionais, como a tese de Ínia Novaes (2014) sobre África, e a tese de Fernando Silva (2018) sobre o Nordeste brasileiro. Silva (2018) aponta, a partir de uma perspectiva pautada na semiótica, como as imagens do Nordeste reforçam a vinculação entre essa região e a ruralidade, identificando que sete das dez coleções didáticas utilizadas em sua investigação apresentam mais imagens rurais do que imagens urbanas. Há ainda, segundo o autor, uma sobrevalorização de imagens mais relacionadas ao passado do que ao presente nordestino, como, por exemplo, através da abordagem do fenômeno migratório. Considerando apenas as imagens selecionadas para a aberturas de capítulos, Silva destaca que: “a comparação entre as imagens introdutórias entre nordeste e sudeste/centro sul, sustentam ainda mais uma bipolarização entre urbano-rural, moderno-arcaico, popular-erudito, estático-dinâmico. (...) O senso-comum parece persistir nessas imagens” (SILVA, 2018, p. 152). Por sua vez, a trabalho de Freisleben (2018) analisa fotografias do espaço urbano nos livros didáticos, destacando como certas representações desses espaços tendem a se reproduzir. Neste caso, a predominância da representação de cidades do Sudeste do país como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, em comparação com as cidades das demais regiões. Favelas e outros espaços populares só começaram a ser apresentados de forma mais sistemática nos livros didáticos de Geografia a partir da década de 2000. De acordo com Freisleben (2018) a imagens das favelas brasileiras ainda são utilizadas predominantemente para destacar os problemas de infraestrutura urbana e segurança pública.

A pesquisa de Rafaela Printes (2014) sobre a presença indígena nos livros de Geografia do ensino fundamental, embora não esteja pautada em metodologias visuais, reconhece mudanças e permanências na forma como a temática indígena vem sendo explorada pelos livros didáticos. Embora aponte exceções, a autora destaca que, os livros didáticos ainda apresentam os povos indígenas como atrasado, exclusivamente rural, e muitas



vezes restritos a região amazônica. “Dentre o conjunto de livros analisados são poucos os que inserem textos críticos (...) com imagens atuais e descrições recentes das problemáticas enfrentadas pelos diversos povos, bem como suas relações etnoecológicas” (PRINTES, 2014, p. 217). Reverberando as considerações de Fernando Silva sobre a região Nordeste, Printes afirma ainda que “alguns livros revelaram dificuldades em lidar com a existência de diferenças étnicas na sociedade brasileira atual, normalmente recalçando-as no passado” (idem, p. 2017).

As relações de gênero e a representação de mulheres nos livros didáticos, problemática já trabalhada por Tonini (2002), têm sido alvo de atenção de novos pesquisadores. Lucas França (2022) destaca as assimetrias e hierarquias presentes na representações imagéticas de gênero em duas coleções didáticas, sinalizando as desigualdades e as diferenças na representação masculina e feminina de personalidades históricas e políticas, imigrantes e movimentos sociais. São particularmente interessantes a as suas colocações sobre as fotografias sobre imigração, visto que “as imagens de mulheres migrantes (...) sempre acompanhadas da presença masculina e, comumente associada às responsabilidades maternas (crianças no colo ou de mãos dadas com a figura maternal) podem reforçar estereótipos de gênero sobre o fenômeno da migração.” (FRANÇA, 2022, p. 19)³

Críticas às imagens presentes em livros didáticos não se restringem a análises fotográficas ou a delineamentos empíricos amplos, como através da análise de diversas coleções. Novaes (2012), por exemplo, discute a repercussão gerada pela inclusão de um mapa sobre o tráfico de drogas ilícitas na cidade do Rio de Janeiro em um livro de Geografia destinado a turmas da Educação Básica. O mapa em questão apresentava a localização de facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas ilícitas através de pontos que coincidiam com favelas e comunidades populares desta cidade. Seu principal argumento é de que a renovação temática na Geografia Escolar (através da incorporação da temática do narcotráfico) é relevante, mas que o mapa usado para desenvolver o assunto apresenta um grave equívoco ao fixar e limitar o tráfico de drogas ilícitas como um fenômeno territorial circunscrito a determinadas áreas, e particularmente restrito às favelas cariocas. Tal como a cartografia

³ França destaca os avanços que podem ser percebidos com relação ao tema: “É possível perceber, através das figuras encontradas e analisadas, e das considerações demarcadas, que existe aparente preocupação em inserir, ainda que de forma limitada ou meramente simbólica, debates sobre questões de gênero ou provocações que direcionem para o diálogo a respeito desta temática e sua inserção dentro da geografia escolar como categoria de análise do espaço geográfico.” (FRANÇA, 2022, p. 24)

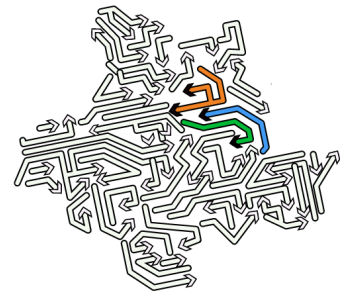
mediática, o mapa analisado reforça determinados estereótipos, que deveriam ser questionados, como na identificação bastante simplista presente no senso comum entre os territórios de favela e o tráfico de drogas ilícitas⁴.

Imagem e experimentação

Para além da análise dos livros didáticos, as imagens podem ser utilizadas em diferentes dinâmicas realizadas em sala de aula. Carina Souza (2018) apresenta os resultados de pesquisas que se basearam no uso de fotografias, que geralmente não compõe comumente os livros didáticos. A autora, por exemplo, procurou explorar as formas de diferenciação rural-urbana no Brasil através do uso de imagem artísticas trabalhadas em dinâmicas com os estudantes. Imagens essas selecionadas pela autora em contraponto aquelas dos livros didáticos. Segundo a autora, elas “apresentam situações que não estão veiculadas exclusivamente à leitura de signos. Elas tensionam os significados, incluindo signos que antes não estavam dados.” (SOUZA, 2018, p. 71) As imagens escolhidas colocam em questão o próprio conteúdo geográfico, a dicotomia rural urbana: “Não se trata de superar a dicotomia, e sim de lidar com ela, colocando o pensamento espacial em devir, pois a ambivalência rural e urbana não consegue mais se manter como classificação.” (idem, 71). Este exemplo torna mais claro, o argumento de que as imagens fotográfica podem ser uma linguagem interessante não apenas no sentido de “representar um conteúdo escolar”, de se constituir em um “signo de verdade”, mas sobretudo, em propor questões, em estimular desafios, estabelecer outras dúvidas.

Outra pesquisa instigante nessa direção, é aquela realizada por Preve e Preve (2017) sobre as imagens sobre globalização nos livros didáticos e experimentações com essas imagens (PREVE e PREVE, 2020). Em relação aos livros didáticos, se reconhece a recorrência de determinadas imagens, particularmente as fotografias, para explicar e exemplificar o processo de globalização nos livros de geografia. Nas obras estudadas, os possíveis sentidos dessas imagens são enquadrados e fixados pelo texto escrito: “as fotografias utilizadas nos livros analisados estão emolduradas pelo texto escrito, sendo

⁴Diferentes mapas, notadamente aqueles produzidos pela mídia, de grande circulação cotidiana, são negligenciados pela Geografia acadêmica, mas vem sendo incorporados pela Geografia Escolar, como no caso analisado pelo autor. Esses mapas correspondem a imagens que não seguem as mesmas regras normativas dos mapas “científicos”, mas estão muito mais presentes no cotidiano e integrados ao contexto escolar.



tomadas como a ilustração de um mundo disponível ao conhecimento, ou ainda postas como informação, no sentido de leitura.” (PREVE, 2017, p. 197). Subvertendo essa lógica, os autores realizaram um exercício em que propuseram apresentar e perguntar as impressões sobre algumas dessas imagens com três públicos bastante distintos: um grupo de estudantes, um grupo de pacientes internos de um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e um grupo de idosos. As imagens eram apresentadas sem nenhum tipo de texto, como títulos ou legendas. A experimentação visava deslocar as imagens de seu contexto pedagógico, provocando um certo esgotamento de seus sentidos, para além de um suporte como ilustração de algum conteúdo.

Nos exercícios propostos, o encontro com as imagens tentava liberá-las das palavras e frases (legendas e títulos) que as aprisionam a um ‘olhar’ cansado (com objetivos já definidos), percebendo em que medida as respostas dos participantes eram capturadas pelo tema globalização e/ou no plano da representação: ‘tal imagem mostra os efeitos da globalização’, ou ainda, ‘é uma imagem da Terra’. Assim, ao buscar liberar essas imagens do aprisionamento de suas potências, possibilitando também o esvaziamento de seu caráter informacional (imagem como suporte da explicação de um conteúdo), os exercícios intentaram permitir outra relação com o tema escolhido e uma experiência/experimentação nossa, os sujeitos que propunham o exercício. (PREVE e PREVE, 2020, p. 35)

As experiências ou experimentações com as imagens, possibilitam que os sujeitos não fixem os possíveis sentidos atribuídos as imagens somente na exemplificação ou na explicação de um conteúdo. A produção de estudos e pesquisas nessa direção é cada vez mais relevante. Os conteúdos escolares não devem ser apresentados unicamente associado às imagens dos livros didáticos e, mesmo essas podem ser trabalhadas, exploradas, e experimentadas de muitas formas que não exclusivamente como suporte aos mesmos. Nessa direção, retomamos os comentários de Firmino e Martins que são muito pertinentes: “O que nos falta são rasuras que permitam movimentos em Livros Didáticos de Geografia que nem sempre são experimentados em toda sua potencialidade.” (2017, p. 110)

Considerações finais

Com base nas discussões apresentadas, é possível afirmar que as imagens nos livros didáticos se mantêm em um lugar fundamentalmente ambíguo e contraditório: por um lado, traduzem distintas possibilidades de críticas, por expressarem estereótipos regionais e sociais, favorecendo leituras restritivas sobre lugares e territórios preconceituosas sobre grupos e



segmentos sociais; por outro, se mantém como um elemento essencial nas transformações editoriais, nas mudanças curriculares, bem como para permitir outras possibilidades de leitura e análise sobre o conhecimento escolar, através de exercícios e diferentes práticas de experimentação.

Mesmo as críticas que observamos nas conclusões desses trabalhos também têm destacado mudanças consideradas positivas graduais com relação ao uso de imagens, como por exemplo, a representação de grupos e minorias sociais, inclusive como já havíamos destacado em uma pesquisa anterior (PINHEIRO, 2016). Isso não significa que caminharemos numa direção em que as imagens presentes no livro se tornem mais representativas, plurais e imunes a críticas. Essa é uma ilusão. Pelo contrário, é preciso que o trabalho pedagógico dos docentes incorpore efetivamente as imagens dos livros, mas que caminhe para além delas.

Referências Bibliográficas

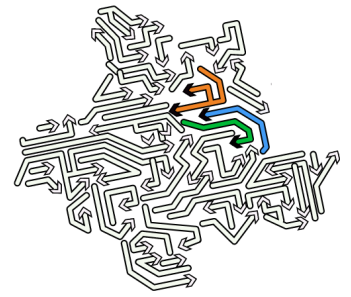
ALBUQUERQUE, Maria Adailza M. de. Livros didáticos e currículos de geografia, pesquisas e usos: uma história a ser contada. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (Orgs.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

ALMEIDA, Renata Maria de. **Imagens do livro didático de geografia**: representações do espaço geográfico. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Unioeste, Francisco Beltrão. 2013.

AZAMBUJA, Leonardo D. de. O livro didático e o ensino de Geografia do Brasil. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, ano 4, número 7, p. 11–33. 2015.

FIRMINO, Larissa c; MARTINS, Rosa E. M. W. Imagens-clichês e Livros Didáticos: reflexões para o ensino de Geografia. TONINI, Maria Ivaine et al. (Org.) **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 103-112.

FRANÇA, Lucas. **Representações de gênero na Geografia Escolar**: análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) - Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.



FREISLEBEN, Alcimar Paulo. **Fotografias que revelam o espaço urbano nos livros**

didáticos de Geografia. 2018. 152 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HOLLMAN, Verónica, Enseñar a mirar lo (in)visible a los ojos: la instrucción visual em la geografía escolar argentina (1880-2006). HOLLMAN, Verónica; LOIS, Carla. **Geografía y cultura visual**. Los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio. Primera Edición-Rosario: Prohistoria Ediciones, Universidad Nacional de Rosario, 2013, p. 55-78.

MOURA, Jaciara A. de. **O ensino de Geografia a partir das imagens dos livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental**. 184f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

NOVAES, André R. Um mapa do tráfico de drogas no livro didático: encontros e desencontros entre Geografia Escolar e cartografia midiática. **Geograficidade**, v.2, Número Especial, p. 134-154, 2012.

NOVAES, Ínia F de. **Resistência e proliferação**: conversas com imagens de África(s) e professores de Geografia. 166. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

LACERDA, Rosana. **Livro Didático de Geografia do Ensino Médio**: análise e discussão da linguagem imagética. 145 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; SOARES, Eliane, dos S. Entrevista com o prof. Dr. José Eustaquio de Sene: Fotografias e(m) livros didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 3, n. 6, p.192-225, jul./dez. 2013.

PINHEIRO, Pedro B. Discursos sobre Discriminação na Geografia Escolar. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 43-56, 2016.

PREVE, William S.; PREVE, Ana Maria Hoepers. “Uma rede jogada no mar”: exercícios com imagens da globalização. **Geograficidade**, v.10, n.1, p. 33-44, verão, 2020.

_____; _____. Imagens da globalização em livros didáticos de Geografia: imagens que podem mais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 14, p. 185-199, jul./dez., 2017.

PRINTES, Rafaela. Presença indígena em Livros Didáticos de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 4, n. 8, p. 195-220, jul./dez., 2014.

SENE, Eustáquio de. O livro didático como produto da Geografia Escolar. Obra Menor? **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, n. 4, v. 7, p. 27-43, jan./ jun., 2014.



SILVA, Fernando R. C. **Para além do homogêneo**: a representação imagética da região nordeste nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUZA, Catarina M. de A.. **Experimentações com imagens**: clichês e rasuras na dicotomia rural-urbana do ensino de geografia. 2018. 133f. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

TIMMERS, Juliano C. M.; WEPPPO, Branda E. Construindo sentidos nas leituras de imagens: um estudo sobre os livros didáticos de Geografia. **Revista Cerrados**, Montes Claros, v.15, n.1, p. 114-129, jan./jun. 2017.

TONINI, Ivaine Maria. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 3, n. 6, p.177- 191, jul./dez, 2013.

_____. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia. **Mercator**, ano 2, n. 4, 2003.

_____. **Identidades Capturadas**: Gênero, geração e etnia na hierarquia dos livros didáticos de Geografia. 139f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VILELA, Carolina Lima. **Currículo de Geografia**: analisando o conhecimento escolar como discurso. 201f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.